

O corpo sem embrião de Paula Bonet, a mãe que não pôde ser

El cuerpo sin embrión de Paula Bonet, la madre que no pudo ser

Leticia Pilger da Silva

Universidade Federal do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1999-7336>

Em 2018, a pintora e escritora espanhola Paula Bonet (1980) publicou *Roedores. Cuerpo de embarazada sin embrión*, o qual é formado por dois livros que compõem uma espécie de autorretrato das suas perdas gestacionais e revelam a impossibilidade da maternidade desejada. Conhecendo o percurso e a obra bonetiana – entre livros ilustrados, romance e exposições –, a leitura, entre imagens e palavras, transforma-se em uma experiência estética de um livro de artista.

Enquanto no contexto francês, e de forma expandida pela abrangência do Nobel a ponto de já ter tradução ao português brasileiro, o livro de Annie Ernaux (2022), *O acontecimento*, tem sido leitura incontornável sobre o aborto voluntário, no contexto espanhol, a partir dessa obra – assim como de uma conferência realizada com o mesmo nome na Universidade de Valencia, bem como de sua exposição *La anguila* e do romance homônimo –, Bonet se consolidou como forte voz na visibilização sobre a temática, ainda bastante invisibilizada, dos abortos espontâneos. Bonet, que joga com a autobiografia visual e verbal em todos os seus livros, decidiu compartilhar seu sofrimento e sua dor não em busca de consolo, mas para quebrar o silêncio sobre o tema, que segue sendo um tabu. Segundo ela, é preciso nomear para fazer existir e, mais, para conseguir transformar a realidade. Nas palavras dela, em uma publicação, na sua conta do Instagram, de uma *selfie* com a barriga de grávida com o feto morto (Figura 1), no período da publicação da obra, o que revela como a temática transborda o livro:

Fala-se pouco de enfermidades como a endometriose (e do pouco orçamento destinado a investigá-la), do fato de parir e rejeitar o filho, de pari-lo e perdê-lo em poucos dias, de quão caro são os tampões e os absorventes (que têm o mesmo imposto do caviar, embora sejam produtos de primeira necessidade), das asquerosas e dolorosas náuseas e vertigens do primeiro trimestre de gravidez, tampouco se fala de que apenas existe literatura sobre a maternidade (ir à guerra é mais heroico e parece que interessa mais à indústria editorial e à grande massa), nem de que é 20% mais provável que perca isso que

tem no ventre antes que se transforme em um feto formado e direito. Eu carrego duas perdas em um ano. E é amedrontador que ninguém conte os casos que existem: quando se trata de nossos corpos, tudo é tabu. Não temos por que falar baixinho ou ocultarmos informação, temos que saber o que enfrentamos para podermos estar preparadas. Para terminar, quero deixar claro que faço esse post porque sim, não com o objetivo de receber consolo, sabia que isso poderia voltar a acontecer, também sei que tenho o amor de todos aqueles que amo. Falemos dessas coisas, comecemos a normalizá-las (tradução livre).

Figura 1 - Publicação no Instagram.



Fonte: Bonet (2018).

Na época da publicação do livro, Bonet pintou um mural na antiga prisão La Model de Barcelona, tematizando - a partir da pesquisa de Neus Roig sobre a maternidade na ditadura de Franco - mais uma forma de maternidade negada: o tráfico de bebês durante o franquismo e a separação da mãe e seus filhos como forma de tortura:

A maternidade como sinônimo de feminilidade e tudo o que implica tem sido um dos instrumentos do patriarcado para submeter as mulheres. Durante a ditadura se usava como tortura para as presas republicanas: as deixavam nas celas com os bebês recém-nascidos sem nenhum tipo de ajuda e viam seus filhos se aproximarem da morte, ou lhes roubavam o filho para que uma família a favor do regime o criasse. Foi nas prisões onde começaram a traficar bebês (tradução minha).¹

¹ No texto de partida: "La maternidad como sinónimo de feminidad y todo lo que ello conlleva ha sido uno de los instrumentos del patriarcado para someter a las mujeres. Durante la dictadura se usaba como tortura para las presas republicanas: se les dejaba en la

Ainda sem tradução para o português brasileiro, o primeiro livro da publicação de Bonet, que é dedicado para sua filha (não nascida), é um pedaço pequeno do diário do período entre os dois abortos espontâneos que a pintora sofreu. Sem páginas numeradas - o que dificulta a referência nesta resenha -, temos acesso a pouquíssimos textos, que se apresentam com letras de tamanhos diferentes e disposições assimétricas ao longo das páginas e nos quais ela apresenta fatos, e-mail que escreveu para a ginecologista e cartas para os dois filhos que não nasceram, escritas durante a gravidez.

Não é possível ignorar a quantidade de página em branco entre os textos. Em uma espécie de estratégia mallarmeana no jogo de dados do poema clássico, Bonet significa o vazio do papel de modo a significá-lo: o silêncio em torno dos corpos das mulheres, principalmente daquelas que passaram pela mesma experiência traumática que ela. A vastidão da página em branco com, bem no centro, a frase "tiveram que tirá-la de mim (tradução minha) /tuvieron que sacármela" (Bonet, 2018) exemplifica a dor da necessidade de usar poucas palavras. Em um texto sobre a obra posterior, *La anguila*, a editora Patricia Escalona afirma que, neste livro, a escritora quebra a quarta parede, além de faltarem a ela palavras diante do sofrimento por que passa, uma segunda leitura para o vazio das páginas:

Em *Cuerpo de embarazada sin embrión*, começa a surgir uma mulher que destrói a quarta parede, uma mulher a quem parece, em momento, faltar as palavras, porque o que está passando é demais para digerir e por isso, em determinados momentos, escolhe o discurso de outras para serem muletas e a ajudem a caminhar. Uma mulher que te interpela. (Escalona, 2021, p. 174, tradução minha)².

No entanto, Bonet transpassa esse sofrimento por meio da palavra e da pintura, de modo a mostrar a ausência de

celda con el niño recién nacido sin ningún tipo de ayuda y veían a su bebé acercarse a la muerte, o se les robaba al hijo para que lo criara una familia afín al régimen. Fue en las cárceles donde se empezó a traficar con bebés." Disponível em: <https://www.paulabonet.com/portfolio/carcel-la-modelo-de-barcelona/> Acesso em: 10 jan. 2019.

²No texto de partida: "En *Cuerpo de embarazada sin embrión*, empieza a asomar una mujer que destruye la cuarta pared, una mujer a quien parece, a ratos, que le falten las palabras, porque lo que le está pasando es demasiado para digerir y por ello, a ratos, escoge el discurso de otras para que actúen de muleta y la ayuden a caminar. Una mujer que te interpela." (Escalona, 2021, p. 174).

tratamento adequado da temática da impossibilidade de ocupar, ao menos biologicamente, o espaço da maternidade. Ela não só escreve, como também pinta um feto, única página colorida - vermelho sangue - do livro, como que criando com sua mão o bebê que seu corpo não foi capaz de gestar ou, ainda, a fase na qual ela foi, de fato, mãe (Figura 2). Além dessa imagem, ela faz uma sequência de diversos embriões na posterior exposição *La anguila* (Figura 3), realizada na Universidade de Valência³, em uma fixação por embriões, possivelmente pelos bebês que poderiam ter sido e que não foram.

Figura 2 - Feto do diário



Figura 3 - *La anguila*



Fonte: Bonet (2018, s./p.) Fonte: Bonet (2021, p. 52)

³A exposição pode ser conferida no seguinte link: <https://www.uv.es/uvweb/cultura/es/lista-actividad/anguila-div-esto-es-cuadro-no-opinion-paula-bonet-div-1285871673078/Activitat.html?id=1286081806470> Acesso em: 10 mai. 2024.

Algumas páginas-duplas, totalmente verdes, apresentam, com letras garrafais, apenas o nome de cada mês do luto da sua perda, marcando a passagem do tempo como fazem ao longo dos nove meses da espera do nascimento, só que, para ela, é a contagem da morte. Embora seja anunciado como diário, de modo que esperamos uma sequência diária de eventos, ela conta apenas um acontecimento de cada mês, como que o resumo em um episódio representativo. O relato começa com “Maio”, quando Bonet relata ter ido ao banco, onde o funcionário propõe a ela a compra de um seguro de vida. A pintora conta que a menina na foto em cima da mesa daquele homem quase ficou órfã, porque ela queria esganá-lo, mas, em seguida, anuncia que, na verdade, ela que era “huérfana de hija (órfã de filha)”; ou seja, o diário já começa pela perda. No próximo mês, junho, ela recupera o enterro de seu avô, quando foi necessário retirar a ossada de sua avó, então ela pede para o funcionário do cemitério para tocar nos restos da avó. Nesse momento, ela comenta que viu os ossos do quadril da avó, parte importante no momento do parto, e do fato de ela ter ficado anos sem poder engravidar depois da experiência de ter sido forçado o fórceps no parto de sua tia, até que teve a mãe de Bonet, marcando que até mesmo a mulher da família que pôde ser mãe passou por uma situação de dificuldade biológica da maternidade. Descobrimos, ao longo do texto, como ela sempre quis ser mãe, porque compartilha ter organizado uma biblioteca de livros infantis ao longo de 15 anos para sua filha.

Bonet compartilha a ansiedade entre a perda do primeiro embrião, com nove semanas, e a tentativa de novamente engravidar, em um processo de parar de prestar atenção no seu ciclo menstrual e de sentir dores:

A obsessão pela ideia de voltar a ficar grávida me imobiliza. Leio livros e artigos sobre a maternidade tardia. Quase todos são escritos por mulheres que passam dos quarenta, que se sentem enganadas pela forma como os acontecimentos fizeram com que organizassem seu tempo e que lutam em mil batalhas para conseguir ser mães. A mim ainda restam quatro anos para alcançar a idade, mas quando as leio sinto que meu corpo é como o delas, que também meus óvulos são como passas murchas, que meus medos são os mesmos, que minha vida é a sua. E enquanto analiso minhas menstruações e calculo meus dias férteis, nasce meu sobrinho e morre meu último avô (bonet, 2018, tradução minha).⁴

⁴No texto de partida: “La obsesión por la idea de volver a quedarme preñada me inmoviliza. Leo libros y artículos sobre la maternidad

Duas referências literárias marcam essa transição em uma gravidez e outra: ela escolhe um livro de Anne Sexton para ler aleatoriamente um poema, mas acaba abrindo no “Bogat” (Engendrada, na tradução mencionada em espanhol), sobre a procriação e entristece; e menciona Dewarren, a personagem do romance *O conto da aia*, de Margaret Atwood, cuja única função era procriar, para falar que havia uma possibilidade entre milhares de dar certo a segunda gravidez.

Na sequência, temos contato com a sua esperança do parto: “Si todo sale bien, sentiré por fin como va formándose un nuevo ser humano en mis tripas. Experimentaré lo animal del parto. La sangre, el sudor y la fuerza” (Bonet, 2018), trecho seguido da imagem do embrião. No entanto, o livro termina com as duas cartas que ela escreveu para os bebês que não nasceram. Se os bebês não puderem ler, nós a lemos, transformados em interlocutores da mãe que perdeu seus filhos antes do nascimento:

Querida filha,

Hoje te escrevi e pinteí um conto.

Um novo para a estante de caroba.

Um cheio de ratas e ratos.

O leremos juntas dentro de um ano.

Hoje li que nesses dias três camadas distintas de células estão te construindo. Teus sistemas nervoso e digestivo e teu fígado, teus pulmões. Coração e músculos, teus rins, órgãos reprodutores e ossos, cabelo e pele, e teus olhos.

Imagino você como um pedaço de barro esboçado, como a primeira forma que se cria ao apertá-lo como as mãos, ao apertá-lo e tirar pedaços com o dedo molhado. Uma massa perfeita sobre a que depois começarei a buscar o detalhe. Mas com você o processo é mais mágico, porque a massa criada nesse primeiro gesto cresce em volume à medida que se aperfeiçoa a peça.

E a peça, dentro de nada, respirará, e se colocará arroxeadada se chorar muito.

Ou rosada quando vestida em excesso.

Lhe crescerá o cabelo e lhe cairão os dentes.

tardía. Casi todos los escriben mujeres que pasan de los cuarenta, que se sienten timadas por cómo los acontecimientos han hecho que gestionaran sus tiempos y que luchan en mil batallas para conseguir ser madres. A mí todavía me quedan cuatro años para alcanzar la cifra, pero cuando las leo siento que mi cuerpo es como el de ellas, que también mis óvulos son como pasas marchitas, que mis temores son los mismos, que mi vida es la suya. Y mientras analizo mis reglas y calculo mis días fértiles, me nace un sobrino y se me muere el último abuelo.” (Bonet, 2018).

Aos meus olhos será o ser humano mais belo e perfeito (Bonet, 2018, tradução minha).⁵

Já o segundo é um livro ilustrado sanfonado (Figura 4) que pretendia ser infantil sobre espécies de animais roedores, o qual ela pintou enquanto grávida de sua segunda criança, como anuncia na segunda carta, para que ela lesse quando crescesse – mas, infelizmente, nunca o lerá. Com uma capa feita de linho, o livro consiste em um bestiário de roedores e apresenta imagens, nome científico e características de animais como a chinchila, lontra (que está grávida), rato, rato do brejo (nútria), ratão do banhado, esquilo e castor.

Figura 4 - Roedores



Fonte: Bonet (2018).

Assim como, na posição de leitores do livro, somos transformados nos interlocutores das cartas escritas por Bonet

⁵ No texto de partida: "Querida hija, Hoy te he escrito y te he pintado un cuento. Uno nuevo para la estantería de caoba. Uno lleno de ratas y ratones. Lo leeremos juntas dentro de un año. Hoy he leído que en estos días tres capas distintas de células te están construyendo. Tus sistemas nervioso y digestivo y tu hígado, tus pulmones, corazón y músculos, tus riñones, órganos reproductores y huesos, pelo y piel, y tus ojos. Te imagino como un trozo de barro esbozado, como la primera forma que se crea al sujetarlo con las manos, al apretarlo y desplazar fragmentos de materia con el dedo mojado. Una masa perfecta sobre la que después se empezará a buscar el detalle. Pero contigo el proceso es más mágico, porque la masa creada en ese primer gesto crece en volumen a medida que se perfecciona la pieza. Y la pieza, dentro de nada, respirará, y se pondrá morada si llora mucho. O rosada cuando esté abrigada en exceso. Le crecerá el pelo y se le caerán los dientes. A mis ojos serás el ser humano más bello y perfecto" (Bonet, 2018).

aos filhos que não teve. Ao ser colocado ao lado de seu diário, ele se torna o resquício da gravidez malsucedida. Não há, em momento algum, a explicação do motivo de serem roedores os animais desenhados, mas não podemos ignorar que, ao longo do diário, ela chama o embrião de “ratona”, animal que aparece ilustrado no livro ilustrado, de modo que a imagem pode ser a metáfora da filha em forma de tinta.

Ao compartilhar sua história, Bonet permitiu que mais mulheres que tenham passado por essa experiência falem da sua dor, e assim construiu *corpos-entre-outras*⁶, repensando a maternidade e a experiência dolorida da perda. No dia 5 de maio de 2024, em sua conta do Instagram, Bonet fez uma publicação de uma sequência de fotos de si diante de suas pinturas de embriões, assim como de sua exposição *La Anguila*. A legenda propõe sua retomada da temática e aqui a recupero como fim desta breve resenha:

Depois de um aborto desejado aos vinte anos, de duas perdas gestacionais aos trinta e oito, de muitas leituras, de pintar, gravar e escrever mais, depois de sofrer uma dor, de decidir não passar pela experiência do parto e do bebê, de acompanhar amigas e familiares nas suas, de tentar acompanhar outras mulheres e não ter conseguido, de entender que há mil maneiras de ser mãe, de estar atravessando a experiência da “madrastidade” e de ter transformado de maneiras inimagináveis a relação com minha mãe, apenas tenho clara uma coisa: que complexa é a palavra “maternidades” e que bem nos faz a todas nós que sigamos falando delas (Bonet, 2024, tradução minha)⁷.

Referências

BONET, Paula. *Roedores. Cuerpo de embarazada sin embrión: diario de dos abortos*. Barcelona: Literatura Random House, 2018.

⁶ Proponho este conceito em minha dissertação de mestrado sobre a obra *La sed*, de 2016, na qual Bonet amarra vozes de diversas escritoras e artistas mulheres na sua personagem.

⁷No texto de partida: “Después de un aborto deseado a los veinte años, de dos pérdidas gestacionales a los treinta y ocho, de muchas lecturas, de pintar, grabar y escribir más, después de pasar un duelo, de decidir no pasar por la experiencia del parto y de la crianza, de acompañar a amigas y familiares en las suyas, de intentar acompañar a otras mujeres y no haberlo conseguido, de entender que hay miles de maneras de ser madre, de estar atravesando la experiencia de la 'madrastidad' y de haber transformado de maneras inimaginables la relación con mi madre, solo tengo clara una cosa: qué compleja es la palabra "maternidades" y qué bien nos hace a todas y a todos que sigáis hablando de ellas” (Bonet, 2024).

ERNAUX, Annie. *O acontecimento*. Trad. Isadora de Araújo Pontes. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

ESCALONA, Patricia. "Conversaciones abiertas". In: BONET, Paula. *La anguila*. Esto es un cuadro, no una opinión. Valencia: Universitat de València, 2021, p. 174-178. Disponível em:

<https://www.uv.es/infoexpo/PAULA%20BONET/CAT%20cast.pdf> Acesso em: 10 mai. 2024.